

# *Da necessidade de uma "Literatura-Mundo" no ensino do francês no Brasil*

The need of 'World Literature' in teaching French in Brazil

*Josilene Pinheiro-Mariz*

Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande, PB, Brasil

**Resumo:** Na busca por uma língua francesa de unificação, escritores de diversos continentes reconhecem que a literatura escrita em língua francesa pode operar como um telescópio que aproxima o que parece infinitamente distante. Neste trabalho, discutiremos algumas razões que ressaltam a importância de se estudar a “literatura-mundo”, intentando, assim, mostrar como essa literatura pode incitar e motivar a aprendizagem do Francês Língua Estrangeira (FLE) na realidade brasileira. Os resultados dessa reflexão confirmam a urgência de se incluir esse tema nos currículos de formação em FLE como um espaço importante para a discussão de questões políticas nos processos de (des)colonização linguística.

**Palavras-chave:** Literatura mundo. Interculturalidade. Currículo. Formação.

**Abstract:** In the search for the French language of unification, writers from different continents recognize that the literature written in French can operate as a telescope that approximates what seems infinitely distant. In this paper, we discuss some reasons that highlight the importance of studying the “world-literature”, intending thereby to show how this literature can encourage and motivate the learning of French as a foreign language in the Brazilian reality. The results of this reflection confirm the urgency to include this subject in the curricula of training in French foreign language (FLE) as an important venue for discussing political issues in the processes of language (de) colonization.

**Keywords:** World literature. Interculturality. Curriculum. Training.

## Introdução

A promoção da diversidade linguística, do multilinguismo, de acordos institucionais bilaterais e multilaterais têm se constituído prioridade do Ministério de Relações Exteriores do governo francês. Sabe-se que, atualmente, existem, em número aproximado, duzentos milhões de falantes da língua francesa no mundo, destacando-se neste dado um percentual bastante representativo de pessoas que têm no francês uma língua de aprendizagem. Essa língua se estabelece, também, como um vínculo que liga cerca de setenta países que estão em torno da OIF<sup>1</sup> (DIPLOMATIE, 2011).

Josilene

Pinheiro-Mariz

342

Ao longo da história, a presença da língua francesa para falantes de alguns países, sobretudo na África – tanto no Norte, considerada a África Branca, quanto no Oeste do continente –, parece guardar um ranço de subserviência. Muito provavelmente, por esse motivo, essa língua seja ainda hoje vista como a língua do colonizador, portanto, sem uma aceitação incondicional. Certamente, a marca histórica da imposição da língua francesa nos países do Maghreb<sup>2</sup>, por exemplo, representaria de maneira categórica quão ferina foi a “missão civilizadora” de Jules Ferry no século XIX, com a institucionalização do ensino do francês da Lei Guizot de 1833, que propunha um ensino primário laico, gratuito e obrigatório (HUCHON, 2002). Se levarmos ainda em conta um período anterior no qual os intelectuais franceses se viam como os proprietários da língua das Luzes, da Filosofia e da Literatura, conforme propuseram os pensadores do utópico Iluminismo no século XVIII<sup>3</sup>, estaria justificado o modo como algumas pessoas ainda veem o ensino da língua francesa. Logo, não é difícil perceber o porquê da necessidade de se buscar uma política linguística que minimize os efeitos históricos causados pela institucionalização da língua e que auxilie no processo de descolonização linguística, histórica e social.

1 Em 1970, a França e outros países de língua francesa criaram a Agência Internacional da Francofonia que, em 2005, tornou-se l'Organisation Internationale de la Francophonie (OIF).

2 Região que está localizada ao norte do continente africano, entre o deserto do Saara e o mar Mediterrâneo, reunindo o Marrocos, a Argélia e a Tunísia, e vista como *petit Maghreb*. Destaque-se que outros países como a Líbia e a Mauritânia reúnem-se a esses países constituindo o *Grand Maghreb*. Essa região é considerada um caldeirão de efervescências culturais, uma vez que sofreu, ao longo de muitos séculos, influência mulçumana, fenícia, árabe e, mais recentemente, europeia.

3 Para a observação dos aspectos históricos que apresentamos a seguir, tomamos como base discussões desenvolvidas em nossa tese de doutorado, disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-05052008-114942/pt-br.php>>.

Dessa maneira, não é raro identificar por quais razões, atualmente, há um intenso desejo por parte do governo francês em promover a sua língua não somente como um diferencial cultural, filosófico ou literário, mas, especialmente, com um intento, talvez velado, de não se ter no francês um instrumento de imposição, e sim uma língua de negócios, de ensino e de união de todos os continentes do planeta. O fato de reunir tantos países independentes faz do francês uma das línguas oficiais da Organização das Nações Unidas e também de outros órgãos internacionais, como a Organização Mundial da Saúde, com sede na Suíça (OMS), ou instituições filantrópicas, como a Médecins sans Frontières (Médicos sem Fronteiras) e a Croix Rouge (Cruz Vermelha). Isso permite que a língua francesa seja vista também como uma ferramenta para acordos sociais e de ajuda humanitária, características que motivam o seu ensino e a sua aprendizagem nos cinco continentes do planeta.

Assim, essa política, que em anos passados estava diretamente ligada a uma deliberação linguística oriunda do continente europeu, deu lugar às discussões em vários âmbitos, permitindo que a língua seja mais um espaço de confluências sociais e econômicas do que uma obrigatoriedade bem como estimulando as necessárias trocas interculturais. Todavia, o pensamento de uma língua para poucos parece durar ainda neste século, particularmente, no que diz respeito ao ensino da literatura francesa, havendo uma sistemática separação didática entre língua e literatura, mesmo na formação de professores de FLE (francês língua estrangeira). O percurso histórico da língua francesa reverbera ainda nos nossos dias quando se trata do seu ensino em todos os continentes e, sobretudo, no ensino de sua literatura em contexto do FLE.

No que tange às questões relacionadas aos estudos interculturais, existem vários aspectos que podem ser discutidos a partir dessa perspectiva histórica da língua. Quando a reflexão está relacionada à identidade, por exemplo, logo é suscitada uma discussão indispensável, pois se o assunto é a língua francesa, dependendo da variante que estiver sendo trabalhada pelo professor, ela pode ser vista, no âmbito da sala de aula, apenas como a língua do colonizador, isto é, como meio de imposição de uma cultura “superior”. Daí que sustentemos a necessidade de debate sobre a questão de identidade e de ensino nesses contextos, uma vez que, se pensarmos em colonização, houve, no Brasil, uma certa imposição da língua e, mais tarde, a abertura do país para a imigração europeia.

No Brasil, o eco de uma língua elitizada sobrevive ainda hoje no imaginário coletivo de que o francês é uma língua chique, sendo deixada, portanto, para uma minoria privilegiada. Nos cursos de Letras brasileiros não é diferente, uma vez que se a língua tem seu ensino ligado à beleza, o que dizer dessa literatura que ao longo dos anos esteve ligada *aux Belles Lettres*, ao enlevo, e que, provavelmente, por esse motivo tenha se tornado mais distante do leitor que não tem acesso à língua das “Belas Letras”?

Então, como tornar menor esse espaço abismal entre o aprendiz do francês como língua estrangeira para a formação profissional e a emergente necessidade de fazer uso dessa língua e dessa literatura como algo imprescindível para a prática docente? Faz-se necessário encontrar um caminho que aproxime essas duas áreas tão relacionadas e, por vezes, tão distantes desse professor em formação. Assim, como estabelecer este vínculo? Uma via que se apresenta como eficaz para o aprendiz brasileiro é a literatura francófona<sup>4</sup>, ou de expressão francesa, ou ainda, “Literatura-Mundo”, conforme ficou conhecida após o Manifesto de escritores de língua francesa de vários países, a *Littérature-Monde* (2007).

Levando-se em consideração esses aspectos, gostaríamos de discutir, neste texto, a importância do ensino de literatura escrita em língua francesa, fora do eixo hexagonal (representado pelo França), como um espaço significativamente importante para um processo de descolonização tão forte no imaginário coletivo – incluindo-se aí um coletivo nacional – que vê no francês uma língua pertencente a uma elite intelectual, desnecessária para o ensino e para a aprendizagem e cuja literatura que serve “apenas” para o enlevo do espírito. Refletiremos, igualmente, sobre algumas razões que nos levam a ver, enquanto brasileiros, na língua francesa falada fora da França e na sua literatura, um caminho todo especial para a aprendizagem da língua e, por conseguinte, dessa literatura.

### **Da necessidade da relação língua e literatura no ensino de FLE**

O ensino da literatura em contexto *exolingue*, isto é, no âmbito de ensino da língua estrangeira, tem se tornado uma das principais preocupações dos especialistas em FLE no mundo, inclusive no Brasil. Os debates re-

---

4 O termo francofonia foi estabelecido pela primeira vez no século XIX por um geógrafo e designava a reunião de pessoas de continentes distintos em torno da língua francesa; entretanto, ao longo da História, o termo sofreu alterações de sentido, sendo hoje, sobretudo em literatura, um termo não muito aceito pelos escritores, pois para muitos deles está ligado à subserviência. Por essa razão, o manifesto propõe Literatura-Mundo, que também reúne pessoas distantes em torno da literatura escrita em língua francesa.

ferentes ao tema são encontrados em documentos e artigos acadêmicos que tratam do assunto desde os anos de mil novecentos e oitenta. Ao longo da história, esses diálogos foram acentuados com o fim do estruturalismo, momento no qual foi possível reunir preocupações de especialistas em linguística e em literatura francesa dos quatro cantos do mundo. O debate ganhou forças excedendo, atualmente, para discussões ligadas às políticas linguísticas no ensino de FLE, vendo-se a literatura escrita em francês, pertencente a outros continentes, como uma das formas mais viáveis para melhor discutir a questão.

Em alguns desses estudos, percebe-se que a discussão sobre a história do ensino de literatura é um ponto essencial, considerando-se que existe uma relação indissociável entre as duas principais áreas de formação profissional em Letras: Língua e Literatura (PINHEIRO-MARIZ, 2008). Nessa relação inseparável, citamos a ponderação do poeta francês Paul Valéry (1960, p. 1.440), que nos parece pertinente e eficaz: “A literatura é, e não pode ser outra coisa senão uma espécie de extensão e aplicação de determinadas propriedades da linguagem”<sup>5</sup>. Tal asserção parece responder a uma necessidade capital da relação em foco.

É bem verdade que hoje, especialmente nos cursos de Letras no Brasil, vemos como um procedimento necessário a separação do ensino da língua e do ensino da literatura. No entanto, é necessário destacar que tal bifurcação provoca uma espécie de disjunção entre essas duas linhas tão próximas e até mesmo interdependentes, conforme notou Valéry. Chamamos a atenção, assim, para essa discussão no ensino de literatura no contexto de FLE no nosso meio de formação de professores na área de Letras.

Sabemos que há um interesse em estudos da literatura em sala de aula de línguas por parte de aprendizes e professores, onde há a formação em FLE. Tal informação foi obtida a partir de uma pesquisa com grupos de professores e aprendizes de graduação em francês em oito universidades federais do Nordeste do Brasil, nos anos de 2004 e 2005. Pinheiro-Mariz e Ishihara (2007) observaram que há, por assim dizer, certa curiosidade em conhecer algumas formas de abordagem da literatura na sala de aula e, em especial, de literatura escrita em francês, fora da França. Segundo a pesquisa, professores e aprendizes argumentam que “[...] o texto literário pode e deve facilitar uma abertura sobre o conhecimento de mundo,

---

5 Da edição francesa: “La littérature est, et ne peut pas être autre chose qu’une sorte d’extension et d’application de certaines propriétés du langage”. Todas as traduções de textos em francês que introduziremos neste artigo são nossas.

assim como sensibilizar o estudante ao fenômeno vivo que é a literatura; isso sempre irá depender do contexto de cada situação” (Ibid., p. 80)<sup>6</sup>. A referida investigação aponta ainda uma espécie de defesa da literatura escrita em língua francesa em outros países que possuem essa mesma língua como oficial ou materna. Ratificamos que tal linha de reflexão, enquanto área de pesquisa, parece estar em desenvolvimento, uma vez que os públicos formados por professores das áreas de letras e linguística e aprendizes em formação inicial ainda estão se aproximando desse tema.

Outro aspecto importante a ser abalizado a respeito dessa pesquisa é a presença da literatura francesa como um meio fundamental de estabelecimento de “uma relação entre a cultura brasileira e de países de língua francesa como instrumento essencial para enriquecer os conhecimentos durante o período de formação” (Id.Ibid.). Esta afirmação vem desse mesmo público da área do FLE, reafirmando, assim, a necessidade de uma formação mais voltada para uma literatura escrita em língua francesa e, em especial, naquela elaborada fora do eixo hexagonal.

Destaque-se que o trabalho do ensino de culturas em contexto de línguas estrangeiras é essencial na formação em FLE e, por essa razão, a nossa reflexão gira em torno de ponderações a respeito de um currículo que possibilite a aproximação do estudante brasileiro de FLE a culturas de países de língua francesa. Para alcançar esse intuito, entendemos que a literatura desses países é um caminho especial de aproximações e trocas interculturais, ou seja, em um francês com marcas e sotaques diferentes do francês europeu, o aprendiz brasileiro pode se identificar com essas nuances aproximando-se mais da língua e da literatura francesa, já que, nesse caso, a língua não seria mais algo tão distante de sua realidade.

A *littérature-monde*<sup>7</sup> é, então, um lugar privilegiado para o ensino da cultura em aula de francês, considerando-se que nesse espaço é possível de se trabalhar harmonicamente com realidades distintas, como a dos aprendizes e professores da nossa realidade. A abordagem da “Literatura-Mundo” é muito mais profícua e favorece um ambiente para

6 Do original em francês: “[...] (l) e texte littéraire peut et doit faciliter une ouverture sur la connaissance du monde ainsi que sensibiliser l'étudiant au phénomène vivant qu'est la littérature; ce qui va toujours dépendre du contexte de chaque situation”.

7 No que concerne ao termo, compartilhamos dos ideais de Michel Le Bris e Jean Rouaud (2007) que propõem a literatura escrita em língua francesa como um espaço que reúne escritores de diversos continentes em torno de um mesmo ideal de união. Já no termo “francofonia” essa ideia parece estar mais voltada para uma noção ligada à colonização e ou à subserviência. Todavia, neste artigo, utilizaremos tanto um termo quanto outro como sinônimos.

discussões de questões interculturais na aula de FLE. Assim, apresenta-se como uma forma *sui generis* para a conscientização da necessidade e do valor das relações interculturais na sala de aula, conforme prevê o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas<sup>8</sup> (CECRL, 2001).

## **Relações interculturais e “Literatura-Mundo”: práticas necessárias à formação de professores de FLE**

A leitura seria apenas um olhar sobre (ou através de) um outro olhar. Na literatura, essa leitura é inerentemente plural, dada à polissemia dos textos [...]. O conceito de intercultural dá conta desse tipo de processo, no qual a alteridade deve ser levada em conta. Por essa razão é que, atualmente, é preferível o conceito concorrente do ‘diálogo de culturas’, em voga há algum tempo, mas que tende a suplantá-lo intercultural. (SÉOUD, 1997, p. 138)<sup>9</sup>.

O que é literatura? Por que ler um texto literário? Em que momento da aprendizagem de uma língua pode-se estudar literatura? Fazemos tais questionamentos o tempo todo, especialmente quando se trata da formação de novos professores. O tema começa a ter seus primeiros reflexos no século XVIII, o Século das Luzes, momento em que as concepções entre língua, literatura, cultura e civilização eram contíguas, embora apresentassem significativas diferenças conceituais. Na história, o ensino da literatura francesa sempre esteve ligado ao ensino da sua cultura, que por sua vez esteve diretamente relacionado ao conceito de civilização (DE CARLO, 1998). Esse é um período que apresenta marcas da colonização muito definidas, de tal modo que a palavra cultura assume o valor de um sinônimo de civilização, e vice-versa.

Considerando-se o clímax do binômio “civilização e cultura” como similares no século XVIII, o pensamento dos filósofos parece ter ratificado esse ideal com vários exemplares de textos, como o de Rivarol (1964, p. 38)

*Da necessidade de uma “Literatura-Mundo” no ensino do francês no Brasil*

347

8 Documento que funciona como balizador para professores e aprendizes de línguas em contexto *exolingue*, elaborado por especialistas na área da educação e da linguística. Nele, destaca-se a importância de uma sistematização do ensino escolar de línguas europeias modernas como o francês.

9 Da edição francesa: “La lecture ne serait donc qu’un regard sur (ou à travers) un autre regard. En littérature, cette lecture est par définition plurielle, en raison de la polysémie des textes [...]. Le concept d’interculturel justement rend bien compte de ce type de processus, où l’altérité se donne à voir. C’est pour cette raison qu’il est aujourd’hui préféré au concept concurrent de ‘dialogue des cultures’ mis à la mode depuis un certain temps, mais que celui d’interculturel tend à supplanter”.

que, em seu discurso em defesa da língua francesa, defende a universalidade da língua francesa propondo três questionamentos: “O quê tornou a língua francesa universal? Por que ela merece essa prerrogativa? Pode-se presumir que ela conservará tal prerrogativa?”<sup>10</sup>. Diante dessas interrogações, o autor afirma: “A língua francesa, por um privilégio exclusivo, é a única que se manteve fiel à ordem direta [...]. Daí, portanto, resulta essa admirável clareza, fundação eterna da nossa língua. Assim, o que não é claro, não é francês” (Ibid., p. 89-90)<sup>11</sup>. Nesse discurso, o escritor partilha da sua posição como alguém que resguarda a língua, apreciando-a como um exemplo para os outros pensadores de sua época. Mesmo em séculos predecessores, Joachim Du Bellay, no seu *Défense et Illustration de la langue française* (1549), discutiu a respeito da necessidade de proteger a língua francesa contra as manifestações populares ocorridas no século XVI, as quais poderiam desvirtuar essa língua tão pura. Por razões como essa, a língua francesa ficou marcada como a linguagem do pensamento angelical e da imaculada literatura, além de língua portadora de uma extraordinária clareza e de uma sintaxe impecável.

Seria absurda a ideia de que esse pensamento sobre a língua e a literatura seja, ainda nos nossos dias, uma realidade no âmbito do ensino do FLE? Quais as razões de não se estudar nos currículos universitários, e de modo sistemático, a literatura dos países de língua francesa espalhados pelo mundo? Nessa conjuntura, fazemos sobressair as literaturas de países do continente africano e da América central, como os antilhanos, uma vez que eles possuem características geográficas e culturais muito semelhantes às do Brasil. Poderíamos citar ainda várias razões para essa escolha, entretanto adotamos o ponto de vista de que tal literatura é um caminho único e, particularmente, especial para aproximar realidades culturais, conduzindo também o aprendiz ao respeito ao outro, uma das características mais expressas pelos estudos interculturais, já que não se pode ensinar e/ou aprender a língua sem se passar, necessariamente, pela cultura.

Nesse sentido, nos interrogamos a respeito de como ensinar e como aprender uma cultura estrangeira. Zarate (1986) é uma especialista que se propõe a responder tal questionamento, sobretudo se compa-

10 Da edição francesa: “Qu'est-ce qui a rendu la langue Française universelle ? Pourquoi mérite-t-elle cette prérogative ? Est-il à présumer qu'elle la conserve?”.

11 Da edição francesa: “Le français, par un privilège unique, est seul resté fidèle à l'ordre directe [...]. C'est de là que résulte cette admirable clarté, base éternelle de notre langue. C'est qui n'est pas clair n'est pas français”.



ramos o funcionamento da cultura nativa da língua estrangeira. Para a autora, não é possível fazer, em um ambiente de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, a mesma abordagem que fazemos na língua materna, porque ambos os tipos de aprendizagem são de naturezas distintas. Nesse sentido, seria utópico pedir ao estudante da língua e cultura estrangeira que ele reaja como se aquela cultura estudada fosse mimética:

A abordagem de uma cultura estrangeira demanda um trabalho de conhecimentos, em que não se pode subestimar a complexidade: considerem-se os saberes apresentados e recebidos como definitivos na cultura materna, a comunicação fundada em referências tanto implícitas quanto explícitas, a aprendizagem da relatividade. A descoberta de uma cultura estrangeira pode conduzir a questionamentos sobre a própria ideia de conhecimento quando a familiaridade e a experiência surgem como etapas provisórias do conhecimento<sup>12</sup>. (ZARATE, 1986, p. 12).

Esta argumentação nos parece particularmente apropriada porque as relações sociais são construídas ao longo da vida, desde a infância, com a presença de amigos e, principalmente, dos laços familiares. Dessa forma, consideremos que, por um lado, hábitos, valores e comportamentos éticos estabelecidos pelo ambiente social podem construir gradualmente a sua própria cultura, naturalmente, sem qualquer tipo de imposição; assim, as interações sociais cotidianas ajudam neste processo. Por outro lado, a língua estrangeira e a sua cultura são essenciais para a harmonia na comunicação, na sala de aula, sendo sempre vistas como necessárias. Nessa situação, uma vez que a cultura é vista como estrangeira quando não é “adquirida” naturalmente, Zarate afirma: “a cultura proposta se dá explicitamente como ‘estrangeira’, a diferença é institucionalizada” (Ibid., p. 23)<sup>13</sup>.

12 Da edição francesa: “L’approche d’une culture étrangère sollicite une démarche de connaissances dont on ne peut pas sous-estimer la complexité: remise en cause de savoirs présentés et reçus comme définitifs dans la culture maternelle, communication fondée sur des références aussi bien implicites qu’explicités, apprentissage de la relativité. La découverte d’une culture étrangère peut conduire à questionner l’idée même de connaissances quand la familiarité et l’expérience apparaissent comme des étapes provisoires de la connaissance”.

13 Da edição francesa: “[...] la culture proposée se donne explicitement comme ‘étrangère’, la différence y est institutionnalisée” (grifos da autora).

Levando-se em conta esse pensamento, o tema pode tomar forma de desafio para o professor e, conseqüentemente, para o aprendiz da língua no ambiente da sala de aula. Considerar a cultura estrangeira como uma forma de incentivar o ensino e a aprendizagem da FLE é condição preponderante no contexto de ensino. Além disso, quando o professor entende a cultura como elemento particular da identidade de cada aprendiz, este problema pode repercutir com grande intensidade, pois o ato de ensinar e de aprender uma língua estrangeira, passando por questões culturais, constitui-se em uma tarefa complexa.

Faz-se necessário ainda destacar que, em não raros casos, o ensino da cultura estrangeira parece também estar dissociado de uma esfera maior que reúne língua e literatura no ensino, transformando essa tarefa complexa em uma atividade árdua e bastante difícil. Por isso, vemos no texto literário um caminho especial para a abordagem tanto da língua quanto da literatura. Nessa conjuntura, a “Literatura-Mundo” ocupa um espaço *sine qua non* para o estabelecimento de laços entre a cultura brasileira e as estrangeiras, permitindo que a obra literária deixe de ser vista como algo deveras distante e, por vezes, abstrato demais, afastando o aprendiz de um texto tão especial. O artifício de trabalhar a literatura como via para os estudos culturais é possível de funcionar, no dizer de Barthes (2004 [1973]), como algo prazeroso que nem sempre é fácil, uma vez que a literatura é plena de figuras e características próprias, ao mesmo tempo em que pode se apresentar como uma experiência necessária ao aprendiz, favorecendo, desse modo, experiências bem particulares.

### **A necessária abordagem em sala de aula: da teoria à prática**

A proximidade entre o Brasil e os países de língua francesa, da África e das Antilhas, é significativa no que tange ao aspecto cultural. Em termos de geografia e de história, não esquecendo, é claro, dos graves problemas sociais que fazem parte da realidade cotidiana dos brasileiros, tais semelhanças são evidentemente claras. Esses aspectos tornam-se muito importantes quando o interesse é fomentar as relações entre o Brasil e esses países de língua francesa. É possível citar a grande desigualdade socioeconômica que impede o desenvolvimento da maioria deles, lembrando-se que o Brasil também foi outrora uma colônia de país europeu.

Ao longo dos anos, essas relações se constituíram em um tema bastante produtivo para poetas e outros escritores, como Albert Camus e Roger Bastide, quando estes estiveram em nossas terras. Em estudo

semelhante sobre o Brasil, Édouard Glissant<sup>14</sup>, poeta antilhano da Martinica e um dos signatários do Manifesto *Pour une Littérature-Monde* (LE BRIS; ROUAUD, 2007), dá suas impressões sobre as imagens que tem a respeito de nossas terras:

Estejamos em constante alerta, às novidades do novo mundo, ao que acontece na Bahia ou no Nordeste, na medida em que podemos, realmente, ter acesso a tais informações. Lembremo-nos, então, que as formas da religião popular e sincrética mantêm-se aqui e lá, como o que se vê por vodu no Haiti, e como as orquestras do interior nordestino, certamente com menor prestígio que as escolas de samba, são absolutamente do mesmo ritmo e o mesmo tom das orquestras de beguine na Martinica, quando eles deixaram o mundo de Plantações para brincar nas festas populares e das aldeias e animar *les privés* de Foyal. (GLISSANT, 1996, p. 9-10<sup>15</sup>, grifos do autor).

*Da necessidade de uma “Literatura-Mundo” no ensino do francês no Brasil*

351

Essas imagens reveladas por Glissant representam claras relações entre o Brasil e as Antilhas (ou Caribe), por exemplo. No entanto, nós, brasileiros, professores de FLE especialmente, não cultivamos o hábito de discutir a respeito dessa estreita relação entre essas duas regiões distantes e, ao mesmo tempo, tão semelhantes.

Refletindo sobre isso, é necessário asseverar que a língua francesa falada, bem como a escrita nos cinco continentes é, em um âmbito geral, a mesma da França hexagonal. Então, por que não apresentar a literatura dessas regiões de expressão francesa como uma forma de levar os aprendizes brasileiros de literatura francesa por um caminho mais próximo de sua realidade? Glissant nos faz pensar sobre esse assunto

---

14 Cabe aqui ressaltar a importância de Glissant (21.09.1928 - 03.02.2011) como um dos principais signatários do manifesto *Pour une Littérature-Monde*. Édouard Glissant foi autor de uma obra cheia de imagens poéticas e também de reflexões, às vezes, polêmicas. Foi um escritor de grande militância política na luta contra o colonialismo. Obteve o Prêmio Renaudot em 1958, um dos mais importantes da literatura francesa.

15 Do original em francês: “Aussi ne cessons-nous d’être attentifs, au gré des nouvelles du monde, à ce qui se passe à Bahia ou dans le Nord-Este, daus [sic] la mesure du moins où nous pouvons accéder réellement à des telles informations. Nous nous rappelons alors que des formes de religion populaire et syncrétique s’y maintien ça et là, à la manière de ce qu’on voit en Haïti pour le vaudou, et que les orchestres de campagne du Nord-Est, sans doute moins réputés que les écoles de samba, sont absolument du même rythme et de la même tonalité que l’étaient les orchestres de biguine de Martinique quand ils quittèrent l’univers des Plantations pour venir enjouer les bals populaires des bourgs et animer les privés de Foyal”.

quando nos leva a refletir também sobre práticas do sincretismo religioso, muito comuns no Brasil.

Outra possibilidade de reflexão pelo caminho da “Literatura-Mundo” é o laço de semelhança que há na geografia, visto que o Brasil tem uma relação pujante com a geografia do continente Africano. Os historiadores e geógrafos mostram, a partir do mapa mundo, a relação entre a África central e nordeste do Brasil. As características podem ser percebidas no clima e nas paisagens, bem como na agricultura, quando observamos que produtos como o cacau ou a cana-de-açúcar são cultivados aqui e lá.

Josilene  
Pinheiro-Mariz

352

O antropólogo francês Roger Bastide, em Salvador, na Bahia, em 1944, deu-nos obras com suas impressões sobre esses laços, em *Impression de voyage*, publicado na *Revista franco-brasileira* (1944), e também nas *Images du Nordeste mystique* (*O Cruzeiro*, 1945). Encontramos, nessas obras, imagens de um nordeste místico e a afirmação de que “a cultura africana no Brasil tornou-se uma cultura de uma classe social de um grupo da sociedade brasileira, de um grupo explorado economicamente, subordinado socialmente” (1995, p. 92)<sup>16</sup>. A partir deste olhar bastidiano, parece-nos que ainda há algo de muito familiar em nosso meio, como a cultura de um grupo menos favorecido, que ainda é constituída por uma minoria e operada por uma elite economicamente mais poderosa. Por isso, também vemos como emergencial uma literatura que aproxime seres humanos, fazendo acontecer o que se acredita ser um dos papéis da obra literária.

Conhecer a “Literatura-Mundo” bem como fazer uso de uma abordagem em contexto de ensino não deve ser visto apenas como um procedimento exótico, daí a razão das ressalvas de especialistas sobre o cuidado em não transformar o trabalho com essa literatura em algo característico de um comportamento excêntrico. Nesse caso, convém a seguinte afirmação: “Tudo isso com a ideia de que o conhecimento das literaturas francófonas não é um algo a mais cultural, uma espécie de luxo ou de curiosidade folclórica, mas uma forma essencial de uma pedagogia do intercultural” (DELAS, 1994, p. 92)<sup>17</sup>.

16 Da edição francesa: “[...] la culture africaine au Brésil est devenu une culture d'une classe sociale d'un groupe de la société brésilienne, celle d'un groupe exploité économiquement, subordonné socialement”.

17 Da edição francesa: “Tout cela dans l'idée que la connaissance des littératures francophones n'est pas un plus culturel, une sorte de luxe ou de curiosité folklorique, mais une voie essentielle d'une pédagogie de l'interculturel”.

Ainda hoje a noção de francofonia parece deslizar sobre conceitos distintos. Afinal, francófono é quem fala francês ou quem nasce na França? É perceptível certo desconforto com relação a esse termo, por vezes, tanto por parte do professor, quanto do aprendiz. Portanto, cabe-nos levantar um pouco dessa discussão que foi acalorada pelo Manifesto *Pour une Littérature-Monde* (LE BRIS; ROUAUD, 2007).

Neste manifesto, cerca de quarenta escritores de língua francesa (franceses e não franceses) propuseram uma reflexão que lembra a discussão sobre a classificação da literatura ou por sua pertença ou pelo uso da língua. Levou-se em consideração tanto as migrações quanto as mestiçagens e as diásporas encabeçadas pelos escritores franceses Michel Le Bris e Jean Rouaud. Em ponderações sobre o tema, Bernd (2009) afirma que a França tem resolvido esse problema de maneira muito particular. Segundo a autora, a solução é bizarra, uma vez que:

[...] autores imigrantes oriundos do norte (Europa), escrevendo em francês, como Marguerite Yourcenar, da Bélgica, ou Andrei Makine, vindo da Rússia, são incorporados ao sistema literário francês e vendidos sob a etiqueta de 'literatura francesa', enquanto autores do sul, como os magrebinos, os africanos das ex-colônias francesas, os antilhanos e os quebequenses são considerados francófonos. (BERND, 2009, p. 202, grifos da autora).

Para Bernd, essa solução 'estranha' reflete as questões que estão ligadas ao homem na pós-modernidade, pois se relaciona a fatores como as "pertencas identitárias", bem como a outras complexidades próprias desse homem. A autora lembra ainda que a *littérature-monde* apresenta vantagens, mas pode também oferecer riscos se pensada como imperialismo.

Para a construção de nossas reflexões neste texto, baseamo-nos também no entendimento de Joubert (2006) sobre a noção de francofonia. Cremos, a propósito, que quando se fala em literatura francófona, fala-se também da literatura produzida no Canadá (Québec), na Europa (Bélgica, Suíça, Luxemburgo), só para citar alguns países onde há uma expressiva produção literária, além, evidentemente, dos países de língua francesa localizados ao sul do Equador. Então, o que é essa literatura considerada francófona? No sentido estrito da palavra, a literatura francesa é uma literatura francófona entre outras: "literatura africana,

belga, magrebina, quebequense etc. **Porém**, o conceito de *literaturas francófonas* especializou-se no sentido de ‘literaturas de língua francesa’ produzida fora da França” (Joubert, 2006, p. 10)<sup>18</sup>.

Em sua asserção, Joubert também discute a noção de *littérature francophone* como algo ligado ao conjunto de textos reconhecidos como literários e escritos em francês. Todavia, ele continua, trazendo outra peculiaridade do termo: “habitualmente, temos designado, no plural, os subconjuntos de textos em língua francesa que remetem a países, regiões, comunidades, e que contribuem para formar a identidade” (Id. *Ibid.*)<sup>19</sup>. Provavelmente, retornando à definição de literatura francófona exposta no parágrafo anterior deste artigo, talvez seja o **mais** da fala desse especialista (expresso mediante o marcador ‘porém’ em nossa tradução ao português) o que, por vezes, provoca inexactidão ao termo que é relativo aos países e regiões de língua francesa.

Entretanto, ao se proporcionar ao aprendiz o texto literário de países de língua e/ou expressão francesa, deve-se adverti-lo de que essa literatura não está apenas relacionada ao folclore, particularidade que é observada, sobretudo, quando se tratam de obras de escritores africanos e, em especial, na literatura de tradição oral. Conforme afirmou Delas (1997), a abordagem deve ser vista como uma pedagogia intercultural. Atente-se aqui para o fato de a literatura não estar apenas ligada ao cultural, já que na obra literária há marcas definidas que também podem estimular uma visão de particularidades culturais de povos de língua francesa.

Vemos nessas literaturas uma possibilidade de contribuição para a abordagem de questões sobre identidade, por exemplo, uma vez que essa é uma das características mais fortes das literaturas francófonas, tornando-as, desse modo, tão favoráveis para o ensino de FLE na nossa realidade. Logo, apresentar essa literatura como uma via de acesso e promoção do intercultural, visando a uma quebra de estereótipos e a um avanço de políticas linguísticas, deve ser um cuidado constante do professor de FLE, evitando-se, porém, repita-se, a solidificação de noções estereotipadas que foram construídas ao longo da formação do aprendiz.

18 Da edição francesa: “littérature africaine, belge, maghrébine, québécoise, etc. **Mais** la notion de *littératures francophones* s’est spécialisée au sens de ‘littératures de langue française’ produites hors de France” (itálicos do autor, negrito nosso – mantemos o negrito em nossa versão em francês para destacar o fragmento que será imediatamente analisado no corpo do texto).

19 Da edição francesa: “on a pris l’habitude de désigner par le pluriel des sous-ensembles de textes en français qui renvoient à des pays, des régions, des communautés, dont ils contribuent à former l’identité”.

Em um currículo que busca trabalhar dimensões interculturais em aula de língua estrangeira e que tem nas literaturas não metropolitanas um dos principais vieses para a sensibilização literária, é necessário que se discuta intensamente as marcas culturais como elementos importantes, e não como a única essência. A questão cultural como traço característico do folclore de um determinado povo, por exemplo, não precisa ser o único caminho para conduzir o aprendiz às práticas das trocas interculturais; precisa, sim, ser considerada como uma característica significativa daquele país estudado. Ora, se a língua e a literatura compõem-se como elementos inseparáveis na didática das línguas, por qual razão não se utilizaria desse elemento cultural como um espaço para se inserir a leitura literária? Deve-se considerar que para muitos aprendizes/leitores, na aula de língua estrangeira, a cultura do outro emerge como algo atraente. Para Beacco, a aprendizagem de uma língua estrangeira configura-se em uma intensa descoberta do outro:

*Da necessidade de uma “Literatura-Mundo” no ensino do francês no Brasil*

---

355

Mas, a curiosidade nova que se manifesta na vontade de aprender uma língua estrangeira é suscetível de ser interpretada, de forma mais radical, como uma atração por outra cultura, constituindo-se uma motivação que não revela, então, nem uma coerção social, nem uma necessidade. Pode ser apenas o fascínio por certas produções culturais, incluindo-se objetos (bens de luxo, por exemplo) ou uma atração para outro estilo de vida<sup>20</sup>. (2000, p. 17-18).

Em outras palavras, é necessário levar o aprendiz a conhecer a nova cultura, aproveitando o instante no qual ele vive certo fascínio pela nova língua e permitindo que, nesse momento, ele passe a conhecer melhor a sua própria cultura. Assim o professor estará favorecendo a tomada de consciência da dimensão intercultural junto aos seus aprendizes. Todavia, levando-se em conta que a cultura do outro não deve ser vista como algo exótico, essa curiosidade não se caracteriza como o principal objetivo do ensino e precisa ser vista como um componente motivador e adequado para a aprendizagem em qualquer que seja a língua estrangeira-

---

20 Da edição francesa: “Mais la curiosité nouvelle qui se manifeste dans la volonté d’apprendre une langue étrangère est susceptible d’être interprétée plus radicalement comme une attirance pour une autre culture, celle-ci constituant une motivation qui ne relève alors ni de la contrainte sociale ni du besoin. Il peut s’agir simplement de la fascination pour certaines productions culturelles, y compris les objets (les produits de luxe, par exemple) ou d’une attirance pour un autre art de vivre”.

ra. As comparações e/ou aproximações são necessariamente inevitáveis na sala de aula, conduzindo o aprendiz a inserir-se, ainda que simbolicamente, em outra comunidade cultural, conhecendo e respeitando o outro.

É, portanto, nos textos da “Literatura-Mundo” que podemos ver o significado histórico capaz de promover uma discussão sobre valores e sobre o respeito mútuo da solidariedade, sobretudo, favorecendo o intercâmbio intercultural e estimulando as relações entre língua e literatura no ensino da língua francesa como estrangeira.

As possibilidades para o desenvolvimento desta abordagem em sala de aula são muitas e fecundamente viáveis. A didatização de documentos autênticos como músicas/canções, fotografias, guias turísticos e textos jornalísticos pode favorecer percursos novos e passíveis de diálogos interculturais. É bem verdade que esses documentos podem estimular a demolição de preconceitos, estereótipos e de outras representações culturais presentes no imaginário do aprendiz, as quais foram solidificadas ao longo de sua vida. Todavia, o texto literário é especial, pois, a partir dele é possível de se instigar visões diferentes do tempo e do espaço, haja vista que, na literatura, há gêneros e subgêneros que podem incitar o leitor provocando sentimentos múltiplos, tais como a catarse.

No que concerne ao ensino da literatura contexto de FLE, é impossível não se pensar nas literaturas de língua francesa como uma possibilidade de abertura de fronteiras, dentro de uma perspectiva internacional, ultrapassando-se barreiras culturais. Sabe-se que a obra literária, embora possua pertencas, seja quanto ao lugar ou ao quanto tempo, é um elemento que pertence a todo homem, em qualquer lugar, sendo também atemporal, ideia ratificada por Sartre (2005 [1948]).

Também, na didática do ensino do FLE, vale chamar a atenção para o que afirmam Abdallah-Pretceille e Porcher (2001, p. 162-163):

Este posicionamento resolutamente internacionalista não deve, evidentemente, ocultar o fato que uma obra literária possui um lugar de nascimento, no tempo e no espaço e que ela traz necessariamente marcas distintas. A literatura está, às vezes, em todos os lugares e em qualquer parte<sup>21</sup>.

---

21 Da edição francesa: “Cette prise de vue résolument internationaliste ne doit évidemment pas occulter le fait qu’une œuvre littéraire possède un lieu de naissance, dans le temps et dans l’espace, et qu’elle en porte nécessairement les marques distinctives. La littérature est à la fois de partout et de quelque part”.



Essa abertura de fronteiras pode ser proporcionada pela via de acesso ao intercultural, considerando-se que esses estudos favorecem a quebra de barreiras e o respeito mútuo, já que o “pertencer” da literatura é de todos. A literatura diz respeito a todos e está em todos os lugares, tendo características diferentes e podendo também ser uma marca específica de cada sociedade e cada indivíduo.

Os estudos interculturais aparecem no âmbito das competências de *savoir-faire* no ensino de língua e literatura, apresentando-se como uma ferramenta necessária na tentativa de nuançar os traços individuais mantidos durante a vida do homem desde a sua infância, traços esses que, por vezes, transformam-se em estereótipos. Logo, temos o intercultural como esse instrumento fundamental para permitir as aproximações entre diferentes culturas, de modo harmônico.

Um de nossos objetivos em sala de aula, quando o assunto é literatura para aprendizes de língua francesa, é desmistificar o pensamento tradicional de que a literatura deve ser oferecida apenas aos estudantes dos níveis mais avançados e com sólidos conhecimentos da língua alvo. Deve-se mostrar também que a literatura é um fenômeno de vida e que se refere ao nosso cotidiano, fazendo parte dele. Finalmente, a atividade de leitura literária em sala de aula é importante, pois se coloca como um caráter frutífero para facilitar a aprendizagem de uma língua estrangeira, já que o texto literário pode reportar às culturas locais e individuais. Neste contexto, a literatura escrita em língua francesa, produzida fora do eixo hexagonal, apresenta-se como um dos grandes potenciais para as relações entre as culturas. Graças as suas características peculiares, como a polissemia e a literariedade, a abordagem da literatura é possível mesmo em aula de língua, e o intercultural apresenta-se como uma ferramenta que pode levar o aprendiz às trocas culturais.

Com essas reflexões, pensamos que uma forma de favorecer a quebra de barreiras é o estabelecimento de um currículo que traga para dentro da sala de aula de FLE, sobretudo, nos centros de formação – isto é, das universidades que formam professores dessa língua – a literatura escrita em francês e produzida fora da França. Só assim estaremos vivenciando uma real quebra de paradigmas tradicionais, nos quais a língua e a literatura francesa estão ligadas à beleza e às Belas Letras.

Quando se deixa de lado uma intensa produção literária de países africanos, antilhanos e dos outros continentes, imaginamos o quanto nós, enquanto ex-colônias, temos de produção literária e quão significativa é

essa literatura. Enquanto brasileiros, ao desconsiderarmos toda a obra literária que é produzida pela “Literatura-Mundo”, de certa forma estaremos incorrendo no mesmo procedimento que vemos como um grande erro, o de deixar a literatura brasileira e a de outros países dessa língua de fora das salas de aulas e, portanto, fora dos círculos sociais de leitura literária.

### **Considerações finais**

Em sua trajetória histórica, a língua francesa, no mundo, tomou distintos percursos em épocas diferentes, desde seus primeiros registros, passando por uma fase na qual a língua estava diretamente ligada à beleza e à arte e repercutindo em uma política linguística que impunha a língua, uma vez que era vista como completa e sem obscuridades, por sua característica de possuir estrutura canônica da frase, isto é, sujeito, verbo e complemento como uma de suas principais qualidades. Isso refletiu de modo peremptório no ensino da literatura, pois esta representaria a concretização dos elementos próprios da língua da filosofia. O resgate histórico faz-se necessário, uma vez que justificaria o fato de em pleno século XXI ainda existir certa resistência no que diz respeito ao ensino de uma literatura escrita em língua francesa e que não seja originária do hexágono (PINHEIRO-MARIZ; ISHIHARA, 2007), o que pode chegar a provocar rejeição àquela literatura que não é francesa “de fato”.

Discussões sobre políticas linguísticas que favoreçam qualquer que seja o tipo de inclusão são indispensáveis, sobretudo quando se trata do ensino de línguas estrangeiras, considerando-se que essa temática tem uma relação direta com os estudos culturais. Seria estimulada, neste caso, também, uma discussão sobre relações e trocas interculturais, lugar no qual se apregoa o respeito mútuo. No domínio das práticas do ensino e da aprendizagem de FLE, cabe acrescentar a necessidade de proporcionar, ao aprendiz da língua e de sua literatura, a literatura francófona – ou de expressão francesa ou ainda a “Literatura-Mundo” – como uma passagem muito particular para conhecer e/ou aprimorar os conhecimentos da língua francesa por meio das literaturas escritas nessa língua fora da França.

No Brasil, o ensino da língua francesa bem como de sua literatura podem ser vistos, ainda hoje, como um lugar de requinte e de beleza, esquecendo-se, portanto, que se trata de um dos meios mais lúdicos para um letramento literário, se oferecido aos aprendizes desde o início da aprendizagem em FLE. Embora já tenhamos feito essas afirmações de várias formas e de modo insistente, faz-se necessário deixar claro que

na esfera da formação de novos professores, isto é, no ensino superior, essa proposta é imprescindível, posto que a universidade se constitui em centro de formação no qual são preparados os futuros docentes que, certamente, irão transferir a seu trabalho cotidiano aquilo que foi passado ao longo da graduação, podendo reverberar, assim, essa prática que reivindicamos como necessária.

Por essas razões, ressaltamos a possibilidade de se trabalhar com os textos escritos em língua francesa de países com características semelhantes às do nosso, tais como África e Antilhas, sendo este um caminho necessário para que o aprendiz descubra-se a si mesmo e ao 'outro' em aula de língua. Propor uma prática da leitura literária de textos da "Literatura-Mundo" em currículos de formação em FLE pode ser uma alternativa *sui generis* de favorecer o debate sobre diversas questões, tais como processos de colonização e de descolonização linguística. Esse mesmo debate pode ainda incitar reflexões sobre as relações entre línguas, considerando-se que quando se fala em língua francesa pelo mundo está-se falando de língua francesa nacional, oficial, regional, materna, segunda, estrangeira. Nesse cômputo, as literaturas desses países representariam um excelente meio de fazer brotar discussões relacionadas também à identidade e à alteridade.

Tomamos como base as reflexões sobre um estudo que reúne língua e literatura enquanto elemento motivador para leitura literária em aula de FLE e que desperta no aprendiz o interesse pela obra literária, de maneira a fazê-lo ver a literatura como algo que faz parte do seu cotidiano. É, portanto, dessa forma que vemos a necessidade de se estudar uma "Literatura-Mundo" nos currículos de FLE, ou seja, como uma oportunidade para promover o respeito mútuo, uma característica incisivamente necessária para o professor.

*Da necessidade de uma "Literatura-Mundo" no ensino do francês no Brasil*

---

359

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLAH-PRETCEILLE, M.; PORCHER, L. **Éducation interculturelle**. Paris: PUF, 2001.

BARTHES, R. **Le plaisir du texte**. Paris: Seuil, 2004 [1973].

BASTIDE, R. **Les religions africaines au Brésil**. Paris: PUF, 1995.

BEACCO, J. C. **Les dimensions culturelles des enseignements de langue**. Paris: Hachette, 2000.

BELLAY, J. du. **Défense et illustration de la langue française**. Texte original commenté par Louis Terreaux. Paris: Coll. Bibliothèque Bordas, Bordas, 1972.

*Josilene  
Pinheiro-Mariz*

---

360

BERND, Z. Literatura Francesa, Francófona ou Littérature-Monde? In: MELLO, A. M. L. de; MOREIRA, E. M; BERND, Z. (Org.). **O pensamento francês e a cultura brasileira**. Porto Alegre, RS: Ed. da PUCRS, 2009.

CADRE Européen Commun de Référence: Apprendre, enseigner, évaluer. Conseil de la Coopération culturelle comité de l'éducation. Division de langues vivantes. Strasbourg: Didier, 2001.

DAMATO, D. B. **Édouard Glissant: poética e política**. São Paulo: Annablumme, 1996.

DE CARLO, M. **L'interculturel**. Paris: CLÉ International, 1998.

DELAS, D. De la littérature à la culture ou l'inverse? Le fait francophone. *ÉLA*, Paris: Didier-Érudition, n. 93. p. 90-93, 1997.

DIPLOMATIE. Disponível em: <[http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/actions-france\\_830/francophonie-langue-francaise\\_1040/index.html](http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/actions-france_830/francophonie-langue-francaise_1040/index.html)>. Acesso em: 24 fev. 2011.

GLISSANT, É. Brésil [Préface]. In: DAMATO, D. B. **Édouard Glissant: poética e política**. São Paulo: Annablumme. 1996

HUCHON, M. **Histoire de la langue française**. Paris: Librairie Générale Française, 2002.

JOUBERT, J. L. (Org.). **Littérature francophone**. Anthologie. Paris: Nathan, 2006.

LE BRIS, M.; ROUAUD, J. (Dir.). **Pour une Littérature-Monde**. Paris: Gallimard, 2007.

PINHEIRO-MARIZ, J. Reflexões a respeito da abordagem do texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE). **Eutomia - Revista de Literatura e Linguística**. Recife, PE: UFPE, v. 2, p. 522-537, 2008.

\_\_\_\_. **O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)**. 2007. 284 f. Tese (Doutorado)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_; ISHIHARA, T. L'enseignement de la littérature en classe de FLE dans un contexte exolange. **Letra Viva**, Edição especial, João Pessoa: Idéia, p. 73-84, 2007.

RIVAROL, A. **De l'universalité de la langue française**. Paris: Bailly et Dessenne, 1964.

SARTRE, J. P. **Qu'est-ce que la littérature**. Paris: Gallimard, 2005 [1948].

SÉOUD, A. **Pour une didactique de la littérature**. Paris: Didier, 1997.

VALÉRY, P. **Œuvres II. Mauvaises pensées et autres**. Paris: Gallimard, 1960.

ZARATE, G. **Enseigner une culture étrangère**. Paris: Hachette, 1986.

*Da necessidade  
de uma “Literatura-Mundo”  
no ensino do  
francês no Brasil*

---

361

